

ANICIO MANLIO SEVERINO BOECIO

**De que modo as substâncias, por existirem,
são boas, embora não sejam bens
substanciais**

***Quomodo substantiae in eo quod sint
bonae sint cum non sint substantialia bona***
(De hebdomadibus)

Texto latino de S. J. Tester
Trad. portuguesa por J.F. Meirinhos

Nota introdutória

Tradução do texto latino publicado in BOETHIUS, *The Theological Tractates. The Consolation of Philosophy*, ed. and transl. by H.F. Stewart, E.K. Rand, S.J. Tester (Loeb Classical Library 74) Harvard University Press, London 1972 (2ª ed.) cf. pp. 38-50. Esta tradução foi confrontada com a tradução inglesa que acompanha aquela edição; com a tradução francesa de Hélène Merle, em BOECE, *Courts traités de théologie. Opuscula sacra* (Sagesses chrétiennes) Ed. du Cerf, Paris 1991, cf. pp. 99-110; e com a tradução castelhana de Clemente Fernandez, em *Los filósofos medievales. Selección de textos*, vol. I (Biblioteca de Autores Cristianos, 409) La Ed. Católica, Madrid 1979, pp. 547-552.

Ao longo do texto foram usados os seguintes sinais convencionais:

- [] inclui palavras ou numeração que não constam no original latino
- < > inclui palavras inseridas para clarificar o sentido da frase
- () inclui expressões latinas usadas por Boécio

ITEM EIUSDEM [Boethium] AD EUNDEM [Iohanem Diaconum]

Postulas, ut ex Hebdomadibus nostris eius quaestionis obscuritatem quae continet modum quo substantiae in eo quod sint bonae sint, cum non sint substantialia bona, digeram et paulo evidentius monstrem; idque eo dicis esse faciendum, quod non sit omnibus notum iter huiusmodi scriptionum. Tuus vero testis ipse sum quam haec vivaciter fueris ante complexus. Hebdomadas vero ego mihi ipse commentor potiusque ad memoriam meam speculata conservo quam cuiquam participo quorum lascivia ac petulantia nihil a ioco risuque patitur esse seiunctum. Prohinc tu ne sis obscuritatibus brevitatis adversus, quae cum sint arcani fida custodia tum id habent commodi, quod cum his solis qui digni sunt conloquuntur. Ut igitur in mathematica fieri solet ceterisque etiam disciplinis, praeposui terminos regulasque quibus cuncta quae sequuntur efficiam.

Communis animi conceptio est enuntiatio quam quisque probat auditam. Harum duplex modus est. Nam una ita communis est, ut omnium sit hominum, veluti si hanc proponas: "Si duobus aequalibus aequalia auferas, quae relinquuntur

Igualmente do mesmo <Boécio> ao mesmo <diácono João>⁴

[§ 1. Introdução] Pedes-me que, a partir das nossas jornadas (*hebdomadas*), exponha e demonstre com um pouco mais de clareza a obscuridade da questão relacionada com o modo pelo qual as substâncias por existirem são boas, embora não sejam bens substanciais. Dizes que isso deve ser feito porque a orientação (*viam*) própria deste género de escritos não é evidente para todos. Mas, eu próprio posso testemunhar o ardor com que abordaste este problema. Medito nestas jornadas para mim mesmo e de preferência conservo na minha memória as minhas especulações (*speculata*), em vez de as partilhar com algum daqueles cuja lascívia e petulância apenas suporta a brincadeira e o riso. Por esta razão, não te oponhas às obscuridades próprias da brevidade, que são o seguro guardião do segredo (*arcani fida custodia*) e têm a vantagem de apenas falar aos que delas são dignos. Seguindo o que é hábito nas matemáticas e em outras disciplinas idênticas, comecei por expor termos e regras sobre os quais desenvolverei tudo o que se segue.

[§ 2. Termos e axiomas]

[Termos gerais] Uma concepção universal do espírito é uma proposição que, quando ouvida, todos admitem. Pode ser de dois tipos. Uma é de tal modo universal que é admitida por todos os homens, como por exemplo quando dizes: «Se a duas <quantidades> iguais retiras partes iguais, elas

¹ Logo na primeira das *Sentenças sobre os inteligíveis* diz Porfírio : Todo o corpo está num lugar, enquanto que nenhum incorporal em si e as realidades de tal espécie está em algum lugar ”, Porfírio, *Sentenze sugli intellegibili*, trad. Giuseppe Girgenti (testi a fronte, 31), Rusconi, Milano 1996, p. 59-61.

aequalia esse," nullus id intellegens neget. Alia vero est doctorum tantum, quae tamen ex talibus communibus animi conceptionibus venit, ut est: "Quae incorporalia sunt, in loco non esse"¹ et cetera; quae non vulgus sed docti comprobant.

Diversum est esse et id quod est; ipsum enim esse nondum est, at vero quod est accepta essendi forma est atque consistit.

Quod est participare aliquo potest, sed ipsum esse nullo modo aliquo participat. Fit enim participatio cum aliquid iam est; est autem aliquid, cum esse suscepit.

Id quod est habere aliquid praeterquam quod ipsum est potest; ipsum vero esse nihil aliud praeter se habet admixtum.

Diversum est tantum esse aliquid et esse aliquid in eo quod est; illic enim accidens hic substantia significatur.

permanecem iguais»⁵. Ninguém que o compreenda o negará. A outra é apenas acessível aos doutos, embora provenha das mesmas concepções universais do espírito, como por exemplo: «As coisas que são incorporais não ocupam um lugar»⁶ e outras semelhantes que não são admitidas como verdadeiras pelo vulgo mas pelos doutos.

[Regra I] O “ser” (*esse*) e “o que é” (*id quod est*) são diferentes; de facto, o “ser mesmo” (*ipsum esse*) ainda não é, apenas “o que é” (*quod est*), recebida a sua forma de ser (*essendi forma*), é e subsiste (*est atque consistit*).

[Regra II] “O que é” pode participar em algo, mas o “ser mesmo” (*ipsum esse*) de modo algum participa em algo. De facto, há participação quando algo já é, e algo apenas é quando já recebeu o ser.

[Regra III] “O que é” pode ter algo para além do que ele mesmo é; mas, o “ser mesmo” nada tem misturado para além de si.

[Regra IV] É diferente “ser apenas algo” (*tantum esse aliquid*) e “o ser algo no que existe” (*esse aliquid in eo quod est*). Com efeito, aquele significa o acidente, este a substância.

² *tunc enim in eo* : em outra família de manuscritos surge com redacção mais extensa: *Tunc enim in eo quod essent non essent bona si a primo bono minime defluxissent.*

³ est : rasurado por Tester.

⁴ Título sintético transmitido em alguns manuscritos, que remete para o título do opúsculo anterior, dedicado ao diácono João.

⁵ Cfr. Axioma 2 dos *Elementos* de Euclides.

⁶ Cfr. Axioma 1 dos *Aformai pros ta nohta* de Porfírio (Porphyrii, *Sententiae ad intelligibilia ducentes*, ed. E. Lamberz, Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana, Leipzig 1975), texto grego e trad italiana consultada: Porfírio, *Sentenze sugli intellegibili*, testo grego a fronte, versione latina di Marsilio Ficino, a cura di Giuseppe Girgenti (Testi a fronte, 31), Rusconi, Milano 1996: «Todo o corpo está num lugar, mas nenhum dos incorporais em si, ou realidades de tal espécie, está em algum lugar (p. 62), na versão renascentista de Marsilio Ficino: «Omne corpus est in loco: nullus autem incorporeum per se, aut aliquid huiusmodi, est in loco» (p. 171).

⁷ Isto é: não possuem a bondade por participação.

⁸ Quer dizer: de nenhum dos dois modos.

⁹ I.e. outra figura geométrica.

¹⁰ I.e. são compostas.

¹¹ “então, portanto, nele”: em outra família de manuscritos esta passagem surge com redacção mais extensa: “Com efeito, não poderiam ser boas naquilo que fossem se não tivessem emanado do bem primeiro”.

Omne quod est participat eo quod est esse ut sit; alio vero participat ut aliquid sit. Ac per hoc id quod est participat eo quod est esse ut sit; est vero ut participet alio quolibet.

Omne simplex esse suum et id quod est unum habet.

Omni composito aliud est esse, aliud ipsum est.

Omnis diversitas discors, similitudo vero appetenda est; et quod appetit aliud, tale ipsum esse naturaliter ostenditur quale est illud hoc ipsum quod appetit.

Sufficiunt igitur quae praemisimus; a prudente vero rationis interprete suis unumquodque aptabitur argumentis.

Quaestio vero huiusmodi est. Ea quae sunt bona sunt; tenet enim communis sententia doctorum omne quod est ad bonum tendere, omne autem tendit ad simile. Quae igitur ad bonum tendunt bona ipsa sunt. Sed quemadmodum bona sint, inquirendum est, utrumne participatione an substantia? Si participatione, per se ipsa nullo modo bona sunt; nam quod participatione album est, per se in eo quod ipsum est album non est. Et de ceteris qualitativis eodem modo. Si igitur participatione sunt bona, ipsa per se nullo modo bona sunt: non igitur ad bonum tendunt. Sed concessum est. Non igitur participatione sunt bona sed substantia. Quorum vero substantia bona est, id quod sunt bona

[Regra V] Para ser, tudo “o que é” participa no que é o ser, mas participa em outra coisa para ser alguma coisa. Por isto, “o que é”, para ser, participa no que é o ser, mas “é” para participar em alguma outra coisa.

[Regra VI] Em tudo o que é simples o seu “ser” (*esse*) e “o que é” (*id quod est*) constituem uma unidade.

[Regra VII] Em tudo o que é composto uma coisa é “o ser” (*esse*), outra o “o [que] é mesmo” (*ipsum est*).

[Regra VIII] Toda a diversidade é desacordo, mas a semelhança é desejável. O que deseja o outro manifesta naturalmente o seu próprio ser, que é exactamente como aquele que deseja.

Estas coisas que enunciámos são suficientes. Pelo intérprete prudente o seu sentido será aplicado a cada um dos argumentos <que se seguem>.

[§ 3. **Questão**] A questão formula-se, portanto, do seguinte modo: As coisas que são, são boas; de facto, é opinião geral dos doutos que tudo o que é tende para o bem, e tudo tende para o que lhe é semelhante. Portanto, todas as coisas que tendem para o bem, são elas próprias boas. Mas, é necessário inquirir de que modo são boas: por participação ou pela substância? Se por participação, de modo algum são boas em si mesmas; porque, o que é branco por participação não é branco por si no que ele é em si mesmo. O mesmo poderia dizer-se de todas as outras qualidades. Ora, se as coisas são boas por participação, elas próprias de modo algum são boas por si mesmas, pelo que não tendem ao bem. Mas isso foi já admitido. Portanto, não são boas por participação, mas pela <isto é,

sunt; id quod sunt autem habent ex eo quod est esse. Esse igitur ipsorum bonum est; omnium igitur rerum ipsum esse bonum est. Sed si esse bonum est, ea quae sunt in eo quod sunt bona sunt idemque illis est esse, quod boni esse; substantialia igitur bona sunt, quoniam non participant bonitatem. Quod si ipsum esse in eis bonum est, non est dubium quin substantialia cum sint bona, primo sint bono similia ac per hoc ipsum bonum erunt; nihil enim illi praeter se ipsum simile est. Ex quo fit ut omnia quae sunt deus sint, quod dictu nefas est. Non sunt igitur substantialia bona ac per hoc non in his est esse bonum; non sunt igitur in eo quod sunt bona. Sed nec participant bonitatem; nullo enim modo ad bonum tenderent. Nullo modo igitur sunt bona.

Huic quaestioni talis poterit adhiberi solutio. Multa sunt quae cum separari actu non possunt, animo tamen et cogitatione separantur; ut cum triangulum vel cetera a subiecta materia nullus actu separat, mens tamen segregans ipsum triangulum proprietatemque eius praeter materiam speculatur. Amoveamus igitur primi boni praesentiam paulisper ex animo, quod esse quidem constat idque ex omnium doctorum indoctorumque sententia barbararumque gentium religionibus cognosci potest. Hoc igitur paulisper amoto ponamus omnia esse quae sunt bona

segundo a> substância. Ora, as coisas cuja substância é boa, naquilo que elas são (*id quod sunt*), são boas. Mas, aquilo que elas são (*id quod sunt*) recebem-no do que é o ser (*ex eo quod est esse*). Portanto, o ser dessas coisas é bom e, portanto, o próprio ser de todas as coisas é bom. Mas, se o ser é bom, as coisas que são, naquilo em que são, são boas; e nelas o “ser” é o mesmo que “o serem boas”. Portanto, são bens substanciais, embora não participem na bondade ⁷. E se o ser mesmo nelas é bom, não há dúvida que, uma vez que são boas substancialmente, são idênticas ao primeiro bem e que, por isto, serão este mesmo bem. De facto, nada lhe é semelhante senão ele mesmo. De onde decorre que todas as coisas que são, são Deus — o que é uma afirmação ímpia.

Logo, não são bens substanciais e, por isto, não há nelas ser bom; por conseguinte, elas não são boas pelo facto de que são. Mas, também não participam na bondade; então, de nenhum modo tenderiam para o bem. Portanto, de modo algum⁸ são boas.

[§ 4. Solução] A solução desta questão poderia ser a seguinte.

Existem muitas coisas que não podem ser separadas pelo acto [i.e. na realidade], mas que são separadas pelo espírito e pelo pensamento. Por exemplo, não se pode separar realmente o triângulo, ou algo idêntico ⁹, da matéria que lhe subjaz, mas pelo espírito podemos pensar o triângulo e as suas propriedades separando-o da matéria. Então, removamos do nosso espírito, por um momento, o primeiro bem, cujo ser é evidente, quer pelas afirmações de todos, quer doutos quer ignorantes e pode ser conhecido pelas religiões dos povos bárbaros. Afastado este durante um momento,

atque ea consideremus quemadmodum bona esse possent, si a primo bono minime defluxissent. Hinc intueor aliud in eis esse quod bona sunt, aliud quod sunt. Ponatur enim una eademque substantia bona esse alba, gravis, rotunda. Tunc aliud esset ipsa illa substantia, aliud eius rotunditas, aliud color, aliud bonitas; nam si haec singula idem essent quod ipsa substantia, idem esset gravitas quod color, <color> quod bonum et bonum quod gravitas—quod fieri natura non sint. Aliud igitur tunc in eis esset esse, aliud aliquid esse, ac tunc bona quidem essent, esse tamen ipsum minime haberent bonum. Igitur si ullo modo essent, non a bono ac bona essent ac non idem essent quod bona, sed eis aliud esset esse aliud bonis esse. Quod si nihil omnino aliud essent nisi bona neque gravia neque colorata neque spatii dimensione distenta nec ulla in eis qualitas esset, nisi tantum bona essent, tunc non res sed rerum viderentur esse principium nec potius viderentur, sed videretur; unum enim solumque est huiusmodi, quod tantum bonum aliudque nihil sit. Quae quoniam non sunt simplicia, nec esse omnino poterant, nisi ea id quod solum bonum est esse voluisset. Idcirco quoniam esse eorum a boni voluntate defluxit, bona esse dicuntur. Primum enim bonum, quoniam est, in eo quod est bonum est; secundum vero bonum, quoniam ex eo fluxit cuius ipsum esse bonum est, ipsum quoque bonum est. Sed ipsum esse omnium rerum ex eo fluxit quod est primum bonum et quod bonum tale est ut recte dicatur in eo quod est esse bonum. Ipsum igitur eorum esse bonum est;

postulemos que todas as coisas “que são” são boas e indaguemos de que modo poderiam ser boas, se não tivessem emanado (*minime defluxissent*) do bem primeiro. Daqui, sou levado a concluir que nelas uma coisa é o ser pelo qual são boas, e outra coisa que “são”. Suponhamos que uma mesma substância boa, é branca, pesada, redonda. Neste caso a sua própria substância seria uma coisa e outra diferente a sua rotundidade, outra a cor, outra a bondade, porque se cada uma destas <qualidades> fosse idêntica à própria substância, o peso seria idêntico à cor e ao bem e o bem idêntico ao peso, o que a natureza não permite que aconteça. Daí que nelas uma coisa seria “o ser” (*esse*) e outra “ser alguma coisa” (*aliquid esse*) e, por isso, estas coisas de facto seriam certos bens, embora de modo nenhum o seu ser tivesse o bem. Portanto, se de qualquer modo existissem, não seria a partir do bem (*a bono*) que seriam boas ou que não seriam senão boas, nelas uma coisa seria o “ser”, outra diferente o “serem boas”. Mas, se não fossem senão boas, [isto é:] nem pesadas, nem coloridas, nem extensas pela dimensão do espaço, nem nelas existisse qualquer outra qualidade, e apenas fossem boas, então não as veríamos como coisas mas como princípio das coisas e vê-las-íamos mais como princípio que como coisas; porque existe só um e apenas um deste jaez: o puro bem e nenhum outro. Mas, porque aquelas coisas não são simples ¹⁰, elas poderiam nem sequer existir, se “o que é o puro bem” (*id quod solum bonum est*) não tivesse querido que elas existissem. Por isso, diz-se que são boas porque o seu ser emana (*defluxit*) da vontade do bem. O bem primeiro, uma vez que é, é bom pelo facto de existir; o bem segundo, uma vez que emana (*defluxit*) daquele cujo ser é bom, é também ele bom. Mas, o próprio ser de todas as

*tunc enim in eo.*²

Qua in re soluta quaestio est. Idcirco enim licet in eo quod sint bona sint, non sunt tamen similia primo bono, quoniam non quoquo modo sint res ipsum esse earum bonum est, sed quoniam non potest esse ipsum esse rerum, nisi a primo esse defluerit, id est bono; idcirco ipsum esse bonum est nec est simile ei a quo est. Illud enim quoquo modo sit bonum est in eo quod est; non enim aliud est praeterquam bonum. Hoc autem nisi ab illo esset, bonum fortasse esse posset, sed bonum in eo quod est esse non posset. Tunc enim participaret forsitan bono; ipsum vero esse quod non haberent a bono, bonum habere non possent. Igitur sublato ab his bono primo mente et cogitatione, ista licet essent bona, tamen in eo quod essent bona esse non possent, et quoniam actu non potuere exsistere, nisi illud ea quod vere bonum est produxisset, idcirco et esse eorum bonum est et non est simile substantiali bono id quod ab eo fluxit; et nisi ab eo fluxissent, licet essent bona, tamen in eo quod sunt bona esse non possent, quoniam et praeter bonum et non ex bono essent, cum illud ipsum bonum primum [est]³ et ipsum esse sit et ipsum bonum et ipsum esse bonum. At non etiam alba in eo quod sunt alba esse oportebit ea quae alba sunt, quoniam ex voluntate

coisas flui (*fluxit*) do primeiro bem e esse bem é tal que rectamente se diz ser bom (*esse bonum*) naquilo que é (*in eo quod est*). Portanto, o ser destas coisas é bom; então, portanto, <é bom> nele¹¹.

[§ 5. Objecção à solução e resolução da objecção]

Mas, na solução subsiste um problema. Com efeito, se bem que as coisas sejam boas pelo facto de existirem, não são idênticas ao bem primeiro, porque são coisas cujo ser não é bom em qualquer circunstância e porque o próprio ser das coisas não pode existir a não ser que emane do primeiro ser (*primo esse defluerit*), isto é, do bem. Por esta razão o próprio ser <das coisas> é bom, mas não é idêntico àquele <ser> pelo qual é (*ei a quo est*). Aquele que sob todos os modos é bom, é naquilo que é; de facto, não é senão o bem. Mas se o ser das coisas (*hoc*) não existisse a partir daquele (*ab illo*), talvez pudesse ser bom, mas não poderia ser bom pelo facto de existir. Neste caso poderia mesmo participar no bem, e o ser que não teriam a partir do bem, não o poderiam ter enquanto bem. Portanto, retirado, pela mente e o pensamento, o primeiro bem destas coisas, estas, embora fossem boas, contudo não poderiam ser boas pela sua existência, porque, de facto, não poderiam existir em acto, a não ser que aquele que é o verdadeiro bem as produzisse. Precisamente por esta razão tanto o seu ser é bom, como aquilo que flui dele não é idêntico ao bem substancial; e se não fluíssem dele, embora fossem boas, não poderiam ser boas pelo facto de existirem, porque existiriam independentemente do bem e não a partir do bem, uma vez que o bem primeiro mesmo (*ipsum bonum primum*) é quer o ser mesmo (*ipsum esse*),

dei fluxerunt ut essent alba? Minime. Aliud est enim esse, aliud albis esse; hoc ideo, quoniam qui ea ut essent effecit bonus quidem est, minime vero albus. Voluntatem igitur boni comitatum est ut essent bona in eo quod sunt; voluntatem vero non albi non est comitata talis eius quod est proprietas ut esset album in eo quod est; neque enim ex albi voluntate defluerunt. Itaque quia voluit esse ea alba qui erat non albus, sunt alba tantum; quia vero voluit ea esse bona qui erat bonus, sunt bona in eo quod sunt. Secundum hanc igitur rationem cuncta oportet esse iusta, quoniam ipse instus est qui ea esse voluit? Ne hoc quidem. Nam bonum esse essentiam, iustum vero esse actum respicit. Idem autem est in eo esse quod agere; idem igitur bonum esse quod iustum. Nobis vero non est idem esse quod agere; non enim simplices sumus. Non est igitur nobis idem bonis esse quod iustis, sed idem nobis est esse omnibus in eo quod sumus. Bona igitur omnia sunt, non etiam iusta. Amplius bonum quidem generale est, iustum vero speciale nec species descendit in omnia. Idcirco alia quidem iusta alia aliud omnia bona.

quer o bem mesmo (*ipsum bonum*), quer o ser bom mesmo (*ipsum esse bonum*). Mas, não seria necessário que as coisas que são brancas fossem brancas pelo facto mesmo de serem brancas, porque fluíram da vontade de Deus para serem brancas? De modo algum. De facto, o “ser” é diferente do “ser branco”, e isto porque quem fez (*effecit*) as coisas para que existissem, é de facto bom, mas é não branco. Portanto, está de acordo com a vontade do bem que sejam boas pelo facto de existirem, enquanto que uma propriedade como “o que é é branco pelo facto de existir” não está ligada à vontade de um ser primeiro que é não branco, e nem estas coisas emanaram (*defluerunt*) da vontade do branco. Assim, elas são brancas unicamente porque o que (*qui*) era não branco quis que elas fossem brancas; e são boas devido à sua existência porque o que era bom (*qui erat bonus*) quis que elas fossem boas. **[Segunda objecção]** Então, segundo este argumento é necessário que todas as coisas sejam justas, porque o que quis que elas o sejam é o justo em si? Também não. De facto, “ser bom” refere-se à essência, e “ser justo” ao acto. Mas, nele o ser é idêntico ao agir, portanto o ser bom é idêntico a <ser> justo. Mas, para nós, ser não é o mesmo que agir; porque não somos simples. Portanto, para nós ser bom não é o mesmo que justo; mas em todos nós o ser é idêntico, pelo facto de existirmos. Portanto, todas as coisas são boas, mas não <são todas> justas. Ademais, o bem é geral [i.e. universal] e o justo é apenas especial, e a espécie não se aplica a todas as coisas. É por isso que há coisas justas, outras que são outra coisa, e todas são boas.